



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 400-414, jun./jul. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

ANALFABETISMO: a privação da cidadania¹

Evanilda Ribeiro Nunes

Universidade Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

A presente pesquisa foi feita com moradores de dois bairros, localizados no município de Sinop, Mato Grosso. Os dados de pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. A teoria utilizada para este artigo foi Paulo Freire. Os sujeitos que participaram foram pessoas analfabetas que, por não fazerem o uso da leitura, suas vidas são dificultadas pela falta do saber. Apesar das adversidades encontradas pelos entrevistados em suas rotinas eles encontram maneiras de superar os obstáculos, mesmo não dominando a leitura e a escrita. Eles desafiam-se no mundo letrado, movimentando suas vidas com dificuldades, sem cessar de se constituírem enquanto sujeitos.

Palavras-chave: Educação. Analfabetismo. Sujeito. Entrevista.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se deu por meio de uso de artigos, teses de sites da internet, monografias e revistas para assim, se obter um conteúdo mais detalhista da realidade dos analfabetos.

A literatura utilizada para esse trabalho foi: Paulo Freire. O tema de pesquisa abordado foi os analfabetos e suas vidas, e como sobrevivem e Muitas vezes eles

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **ANALFABETISMO A PRIVAÇÃO DA CIDADANIA**, sob a orientação do Professor Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2.

não são vistos como pessoas capazes por não fazerem o uso da leitura, sofrem preconceitos e nas suas rotinas sentem dificuldades pela falta do saber.

Mesmo com tantas adversidades enfrentado no dia -a- dia esses sujeitos que não deixam de serem cidadãos, seguem suas vidas normalmente, driblando e passando por cima dos desafios de suas rotinas de vida, Logo podemos constatar hoje mais do que antes o valor da escrita através de Pinto que nos traz:

A escrita foi e é, na história da civilização ocidental, condição do desenvolvimento científico e tecnológico, da organização do espaço e da gestão pública, do estabelecimento de regras e princípios de cidadania. [...] Não se pensa possível, hoje, a democracia sem letramento, sem circulação de informação. Não se imagina a justiça sem as letras. Saber e poder ler e escrever é uma condição tão básica de participação na vida econômica, cultural e política que a escola se tornou um direito fundamental do ser humano, assim como a saúde, moradia e emprego. (PINTO, 2004, p.109).

Com a era da tecnologia tem ficado mais complicado, porém como antes e como agora no futuro eles persistirão.

1.1 CAMINHOS DA PESQUISA:

A pesquisa foi feita com moradores de dois bairros sendo eles: Jardim Lisboa e Chácara São Cristóvão, localizados no município de Sinop, que conta atualmente com aproximadamente mais de cem mil habitantes. O município faz divisa com o município de Sorriso, de Vera, de Santa Carmem e Claudia e está situado 500 km de Cuiabá – capital do Estado do Mato Grosso.

A pesquisa se fez com seis indivíduos que não sabem ler nem escrever. Para efetuar este trabalho os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e foi agendada com autorização dos participantes. Este instrumento exige relações de empatia entre entrevistador e entrevistado, criando-se elos de confiança, de admiração e de respeito entre ambos.

Após as entrevistas, foram registrados em diário de campo as impressões que se estabeleceram durante as entrevistas. Foram feitas algumas anotações.

Após a coleta de respostas na entrevista foi feita a interpretação de acordo com os objetivos e hipóteses levantadas para este artigo. Para Valdete e Sílvia (2005, p. 68-80):

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

A entrevista é a forma na qual, pesquisadores obtêm resultados. Sendo esses, muito necessário em temas científicos para buscas de informações que podem tanto ser por meio de coleta de dados para formar o conjunto empírico necessário.

Identificarei os participantes dessa pesquisa por meio de nomes fictícios procurando preservar seus nomes reais. Serão chamadas Maria as mulheres e José os homens. Para finalizar esse capítulo, cabe a letra de Maria, Maria, de Milton Nascimento e Fernando Brant:

Maria, Maria, É o som, é a cor, é o suor/ É a dose mais forte e lenta/ De uma gente que ri quando deve chorar/ E não vive, apenas aguenta
Lêre,lare,lêre,lare.lêre,larê/ Mas é preciso ter força/ É preciso ter graça/ É preciso ter gana sempre/ Quem traz no corpo uma marca/ Maria, Maria/
Mistura a dor e a alegria/ Mas é preciso ter manha/ É preciso ter graça/ É preciso ter sonho sempre/ Quem traz na pele essa marca/ Possui a estranha mania/ De ter fé na vida (MILTON NASCIMENTO; FERNANDO BRENT).

Como a música diz é preciso ter força ter gana e ter graça. Maria é um nome histórico e hoje ele é bastante comum, pois já há algumas décadas faz se presente no nosso cotidiano, sempre houve, há e haverá muitas Marias em nosso meio.

1.2 MARIAS: vidas de quem não leem e escreve no mundo da escrita

Para quem é analfabeta as dificuldades podem ser apavorantes.

(01) Maria I: Senti um apavoramento quando eu tava cuidando do meu marido no hospital e eu tinha que saí eu ficava apavorada tentando voltar pro hospital e até consegui era difícil.

Ao cuidar do marido no hospital Maria I que não sai sozinha de casa, viu-se obrigada a enfrentar a situação mesmo sentindo-se desamparada e assustada. Realmente é uma situação em que ninguém gostaria de passar e Maria hoje se pudesse mudar algo no passado aponta para o fato de ter deixado de estudar e, assim, evitaria passar por esses apuros e também não sentiria vergonha quando alguém perguntasse se ela não sabe ler e nem escrever.

Maria II, quando criança desejou muito ir à escola, porém seu pai achava que não tinha necessidade menina aprender ler e escrever. Dizia que só servia para escrever bilhete para namorado. Maria III tem 27 anos, mãe de três filhos, mais uma Maria que não sabe ler nem escrever. Nasceu em Sinop MT: profissão do lar Maria III por não saber ler e escrever e também depende de outras pessoas em momentos que necessitem da escrita. Ela conta com a ajuda de seu companheiro que lhe apoia em quase todos os instantes, mas como nem sempre é possível disfrutar da companhia do parceiro, que necessita trabalhar, sendo ele o único provedor da casa, muitas vezes, precisa sair sozinha e enfrentar as dificuldades de não dominar a leitura.

(02) Maria II: Eu fico assim né sinformando com as pessoas não tem, ai tem vez que meu marido também vai junto aí tem vez que eu vou sozinha lá pro centro eu tou de baixo aonde eu vou e eu não sei como é que é ai eu pergunto é aqui dai a pessoa vai e fala é aqui.

Maria III é uma jovem, diferente das Marias anteriores justamente por ser jovem e os filhos por ainda serem menores de idade e dependerem muito dela e do companheiro isso, faz que ela tenha que enfrentar esses desafios que por si vai conquistando a sua liberdade de poder ir e vir todas as vezes que necessitar.

Maria IV é casada e tem 60 anos. Maria IV não sabe ler nem escrever e não frequentou a escola quando criança.

(03) Maria IV: Eu não sei o que, que deu que não me colocaram na escola quando eu era criança era só trabalhar.

A leitura é muito necessária na vida de qualquer ser humano é difícil de imaginar uma vida sem leitura mesmo porque é preciso mesmo sentir na própria pele o que outras pessoas passam por não fazer uso da leitura e da escrita:

(04) Maria IV: Ah me sinto assim parece uma desvalida porque eu não sei lê nem escrever não sei nada.

Maria não estudou porque precisava ajudar os pais na lavoura. E depois de adulta não foi à escola, pois tinha que cuidar dos filhos. A entrevistada sente bastante a falta da leitura principalmente nos momentos que ela mesma descreve:

(05) Maria III: Cada gente que chega aí com papel né dá o papel pra mim mais eu não sei ler o que adianta eu tenho que pega aquele papel e guarda não sei ler.

Percebe-se em todas as Marias entrevistadas que existe um ponto em comum: a dependência que tem de seus familiares mais próximos que lhes asseguram uma proteção, e por mais que elas sejam de gerações diferentes o cuidado dos familiares com essas mulheres não muda, suas diferenças se mostram apenas nas idades. São mulheres normais que amam que choram, que riem, são iguais a todas as mulheres o que as faz diferentes das outras é a falta de conhecimento escolarizado.

1.3 JOSÉS

José tem 51 anos, casado e sabe ler, mas não sabe escrever.

Ele não gostava de estudar, mas seus pais o fizeram por algum tempo frequentar a escola. Assim, afirma:

(06) José I: Quando eu era criança eu fui meus pais me mandavam em mim. Eu ia mais quando eu passei meus quatorze anos eles não mandaram mais em mim por causa que eu quis viver por conta própria.

Com quinze anos José, como ele diz, já tomava conta dele mesmo. E estudar não era de seu “agrado” e logo largou a escola a qual retornou depois de adulto. No entanto, não permaneceu por muito tempo, aprendendo somente a ler e não escrever.

Quando necessita da escrita conta com a ajuda de sua esposa. Como ele sabe ler anda tranquilamente sem a necessidade de pedir ajuda a outras pessoas.

José sabe o quanto é importante saber ler e também escrever, principalmente quando precisa escrever ou gravar o número do telefone de algum cliente seja num papel ou no seu telefone, ele sente bastante a falta da escrita. Trabalha como autônomo e isso lhe impõe a necessidade de manter uma lista de telefones. Neste momento, ele é prejudicado deixando de ter alguns contatos levando a perder vários contatos de seus clientes por falta de estudos. Não tem muitas opções restando para ele os serviços que exigem muito de sua força física. O entrevistado relata que se tivesse estudo estaria em uma situação melhor.

(07) José I: Eu tava aqui trabalhando é porque eu do jeito que eu too eu guentaria trabalhar num serviço leve sim ta mas, devido eu não sabe escrever, é não tem como, só serviço pesado eu não consigo não posso.

Sabe se que os serviços braçais “judiam” muito de qualquer pessoa e esse é um dos motivos que levam José, muitas vezes, a fazer uso de medicação. Esse tipo de serviço é bastante comum em nossa sociedade e sabemos que quanto menor o grau de instrução mais trabalha em serviços braçais e menores são seus salários.

Como já foi citado anteriormente José não gostava de estudar e seus pais o colocaram na escola quando era criança e culpa a si mesmo por não seguir os estudos:

(08) José I: Ensinaaram ser uma pessoa boa se eu não tive estudo não por causa disso foi por causa de mim mesmo.

O entrevistado tem uma situação financeira estável: possui casa própria, carro. Mas não é habilitado para dirigir devido a sua situação de não escrever. Isso o impossibilita de tirar carteira de habilitação. Essa situação acaba privando José I de

alguns confortos, como viajar em seu próprio carro para visitar seus parentes que moram em outro estado, até mesmo, passear tranquilamente pela cidade, sem estar preocupado com alguma blitz da polícia de trânsito. Realmente dá para perceber o quanto é necessário à leitura e a escrita, José I passa por momentos desagradáveis como se fosse um fora da lei, tendo que fugir da polícia de trânsito por não ser habilitado e assim, quando sai de carro guia sempre com medo e preocupação.

José II tem 41 anos, Os pais sabiam ler e escrever, diferente dele que não teve a oportunidade de estudar na idade certa, ou seja, quando era criança.

E na idade adulta José foi à escola, porem não aprendeu a ler e escrever.

(09) José II: fui na escola não consegui aprender, havia muita gente nas salas e a professora não dava conta de ensinar logo a escola entrou em greve e o pouco que tinha aprendido acabei esquecendo.

Nosso entrevistado por não ter tomado posse da leitura e da escrita sabe bem como é difícil viver essa situação, pois sente muito a necessidade principalmente quando tem que se deslocar de uma cidade. Ele afirma o quanto sente essa falta em sua vida:

(10) José II: Sinto muito eu gostaria de sabe ler e escrever pra não te que ta perguntando para os outros acho muito triste sem ler nem escrever, eu viajo para o Paraná e preciso fica perguntando pros outros e pedindo que me leve no lugar que eu não conheço.

Quando se tem a oportunidade de conversar com uma pessoa, como José II, percebe-se o quanto é gratificante esse momento: é preciso estar atento, pois são tantas riquezas de palavras e conhecimento de mundo que a vontade de ficar escutando é maior que a de ir embora. O entrevistado sublinha o quanto lhe faz falta o estudo.

(11) José II: Eu não tive oportunidade de estudar né é uma coisa que toda a vida eu fico guardando no meu coração um sentimento de hoje eu se alguém na vida não pude se ninguém na vida por causa que falta a leitura né.

A falta da leitura lhe impõe dificuldades, mas não o diminui perante os outros e nem o faz sentir se humilhado nem tão pouco com vergonha assim ele relata:

(12) José II: Eu não fico com vergonha não porque eu tenho muita honra pela sabedoria que Deus me deu porque já pessoas estudadas doutores estudadas eu converso eu falo que sou analfabeto e eles fala pra mim seu José não estou dizendo que o senhor está mentindo, mas não dá para acredita que o senhor é analfabeto porque o senhor responde as perguntas o senhor não tem como o i a na face do seu rosto e fala assim, que o senhor não sabe conversa, o senhor se sai em todas as perguntas o senhor se sai, não tem como eu, dize que o senhor é analfabeto, mas se o senhor ta dizendo que o senhor é analfabeto eu vou acreditar que você é analfabeto.

José não “se acanha” quando se vê diante de pessoas instruídas, pois como ele mesmo diz, tem uma desenvoltura impressionante que muitas vezes falta para muitos que são escolarizados. Recordando o que foi dito anteriormente o entrevistado é casado e sua esposa também não faz uso da leitura, portanto, ela depende muito dele, pois se precisar ter que se deslocar para qualquer lugar que dependa de leitura, José é sua companhia. Mesmo não sabendo ler ele vai a qualquer lugar pedindo informação para um e outro podendo até levar mais tempo para encontrar o destino, mas sempre chega.

Como informa José, ele não tem leitura e essa falta o impossibilita de estar atuando num emprego de atendimento ao público.

(13) José II: Hoje eu estaria na justiça sendo juiz de direito ou na política pra poder mudar alguma coisa ajudar a remar esse barco um pouco se não, ele vai afundar uma hora ele vai navegar e afundar.

Nosso entrevistado se preocupa com a situação atual do país. No entanto por não ter leitura se sente um “inútil”

Quando perguntado para José II o quê ele gostaria de mudar em sua vida no passado se assim, fosse possível respondeu que:

(14) José II: Ô ia eu só mudaria, mudaria mesmo só pra leitura porque meu passado sempre foi bom graças a Deus.

A falta de leitura é percebida nesse caso como prioridade, saber ler e escrever: é tão comum na realidade da maioria das pessoas que muitos nem fazem ideia do que passa uma pessoa analfabeta. Por isso é preciso ter a sensibilidade de se colocar no lugar de um indivíduo que não faz uso da leitura principalmente quando se trata de ter que seguir tratamento medicamentoso. Nesse caso, para o entrevistado ao necessitar de seguir uma prescrição médica o mesmo segue corretamente e costuma agir assim:

(15) José II: O que eu faço pra seguir certinho eu na minha pasta eu separo eu tenho um grampiador, separo as receita com a forma do remédio receita com a forma do usuário do jeito que vou, te que usa eu grampeio junto pra mim saber hora que eu poso tomar com e quantas vez as unidades isso, que eu defiro os exames eu separo.

José II é um homem que gosta das coisas simples, em sua residência não há nem um aparelho eletrônico que seja de tecnologia avançada mesmo porque ele teria que ler o manual para entender. Sendo, assim, quando adquire algo procura sempre o que existe de mais simples nas lojas. Nesse momento constatamos que existe uma vida de privações e escolhas. Ele não necessita de decisões em relação ao que gostaria de possuir que até hoje não conseguiu. Isso ele tem certeza e fala com muita convicção:

(16) José II: É ter um sitio pra mim ter terra pra mim criar meus animais meus bichinhos come e bebe fica tranquilo.

José II é uma pessoa forte que desde muito cedo trabalha como ele mesmo diz: “está na luta”. Lembrando que ele não tomou posses da leitura e da escrita e sua renda mal dá para a existência de sua família. Eis um momento de nossa literatura:

E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e agora, você? você que é sem nome, que zomba dos outros, você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José? Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite esfriou, o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José? E agora, José? Sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio – e agora? Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora? Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse... Mas você não morre, você é duro, José! Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja a galope, você marcha, José! José, para onde? (CARLOS DRUMMON DE ANDRADE, 1998, p. 20-22).

Assim, como no poema acima: e agora José? José se você morresse, mas você não morre! Você é duro José! Do que será que ele é feito é normal como todos os outros seres humanos.

3 A VIDA E O DIREITO DE EXISTIR

É preciso ser forte, é necessário ter garra, é fundamental ser duro, sem perder a gentileza que vem acompanhada com uma grande pureza que muitas vezes é confundida com ingenuidade por indivíduos que não tem sensibilidade de perceber quando se deparam com algo excepcionalmente admirável que já não se encontra na maioria da população brasileira.

Donos de uma sabedoria adquirida através da prática e da experiência. E uma educação oral herdadas de gerações passadas assim, indivíduos que não sabem ler nem escrever seguem as suas vidas assim como seus pais seguidos de seus avós e através dos anos vão se adaptando permanecendo inseridos na sociedade: “O homem existe — *existere*— no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se”. (FREIRE, 1967,p.41).

É bastante difícil para pessoas que tem somente conhecimento não escolarizado principalmente em nossa atualidade, com o crescimento das cidades

acompanhadas de uma tecnologia que se moderniza a cada dia. Mas essa realidade teve início cerca de algumas décadas passadas por isso:

A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita — e isso é o mais doloroso — em nome de sua própria libertação. (FREIRE, 1967, p. 42).

Mesmo encontrando dificuldade por falta da escrita, as pessoas continuam vivendo dentro do que tem sido para eles considerado normal. Quando necessitam ir a algum local desconhecido ou fizer uso de alguma medicação, as Marias contam com a ajuda de outras pessoas, diferente de José I que sabe ler. José II não sabe, mas não passa apuro durante tratamento médico, pois ele tem organização que poderia até causar inveja. Porém, para se deslocar necessita também pedir informação.

As pessoas que participaram da presente entrevista tanto os dois José, quanto as Marias são pessoas bastante simples não sendo possível diferenciá-los dos demais apenas se percebe que não tem leitura quando os mesmos esclarecem não saber ler nem escrever e quando isso acontece os ouvintes dificilmente não ficam admirados pelo fato de não ser possível indivíduos comunicativos e conhecedores de diferentes assuntos, o que chama a atenção é o português falado por eles não faz parte da língua culta, mas isso, não é levado em consideração devido os regionalismos e mistura de culturas que fazem parte de nosso país.

Apesar de não haver diferença entre as pessoas foi relatado pelos entrevistados o quanto sentem se mal por não fazerem uso da leitura ou da escrita. Nesse sentido, foram citados: vergonha, desvalido, péssimo, dentre outros, inútil esta última realmente é uma palavra forte é chocante quando se ouve, imagina quando se sente. Esta situação não pode ser explicada ela precisa ser sentida para que se possa compreender a dimensão do significado da palavra.

A visão de si mesmo, como a do mundo, não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. Faz dele, na feliz expressão de Marcel, um ser situado e datado. (FREIRE, 1967, p. 42).

Indivíduos que não possuem o conhecimento escolarizado passam por alguns apuros relacionados à escrita sentem-se como se fosse um fardo que para muitos chegam a sentir-se diminuído comparando-se aos instruídos. A causa da situação é antiga, suas raízes a violência sobre os dominados, sobre os trabalhadores, sobre homens e mulheres, crianças e adultos, idosos, pessoas que com seus suores fazem esse mundo com suas mãos. Segundo Freire:

Com a exclusão do homem comum do processo eletivo -não votava nem era votado- proibida a ele qualquer ingerência, enquanto homem comum, nos destinos de sua comunidade, havia então de emergir uma classe de homens privilegiados que, estes sim, governassem a comunidade municipal. Esta era a classe dos chamados “homens bons”, com “seus nomes insertos nos livros da nobreza, existentes nas câmaras”. (1967, p. 76).

Mesmo passado alguns anos, muitas coisas continuam iguais. Isso está claro em nossa realidade. Pessoas privadas por não saber ler e escrever. Depara-se com os empregos considerados os piores do mercado de trabalho: aqueles que dispensam formação escolar. Esses afazeres são baseados em: lavar, passar, limpar, cozinhar. São pessoas que têm os trabalhos mais rústicos e braçais. A maioria da população analfabeta desenvolve funções manuais: exemplo disso, José I que trabalha em serviços braçais e José II, lembrando também as Marias que todas trabalham em seus lares e quando crianças ou jovens trabalhavam com seus pais.

Geralmente costuma-se associar o analfabetismo com a pobreza: não saber ler e escrever não significa que tenha que ser paupérrimo. Porque essas pessoas são inteligentes, esforçadas e capazes. Dos entrevistados do presente trabalho, três possuem casa própria e três moram em casa alugada.

Os entrevistados dessa pesquisa são pessoas trabalhadoras: têm sonhos, vontades e esperanças. Entretanto, há um sonho comum e pulsante em suas vidas: o de aprender ler e a escrever. Todavia essa tem sido a vontade não só dos entrevistados, mas também de outras pessoas.

“Quero aprender a ler e a escrever”, disse uma analfabeta do Recife, “para deixar de ser sombra dos outros.” E um homem de Florianópolis, revelando o processo de emersão do povo, característico da transição brasileira: “O povo tem resposta”. Um outro, em tom magoado: “Não tenho “paixão” de ser pobre, mas de não saber ler”. (FREIRE, 1967, p. 112).

Por mais que um indivíduo não tenha um conhecimento escolarizado, lembrando o que já foi citado, existe neles consciência de vida e necessidades postas. José II relatou que queria muito ter estudado e poder ser um político para melhorar as condições da população do Brasil. Segundo ele, a nação é como um barco e conclui: “se não fizer nada para ajudar a remar, esse barco vai afundar”. A preocupação com a política do território nacional dá para notar que não é exclusividade de José II, querer mudar o país ou até mesmo o mundo. Isso revela que existe insatisfação e desejo de mudança “Quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo”, afirmação de um analfabeto paulista para quem, acertadamente, conhecer é interferir na realidade conhecida. (FREIRE, 1967, p. 112).

Os Josés e as Marias não se repetem em suas histórias, mas desafiam-se em mundo letrado, movimentam-se com dificuldades quando se deparam com a necessidade da leitura e da escrita, mas não cessam de se constituírem sujeitos.

Por mais que o sistema capitalista não facilite a vida de pessoas que por um motivo ou outro não frequentaram à escola e, portanto, não aprenderam a ler nem escrever, mas nem por isso deixam de ser importante no fazer do dia a dia, de suas necessidades e aspirações: de tecer o passado, ler presente e escrever o futuro, por que:

É o homem, e somente ele, capaz de transcender. A sua transcendência, acrescente-se, não é um dado apenas de sua qualidade “espiritual”.[...] Não é o resultado exclusivo da transitividade de sua consciência, que o permite auto-objetivar-se e, a partir daí, reconhecer órbitas existenciais diferentes, distinguir um “eu” de um “não eu”. A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. (FREIRE, 1967, p. 40).

Portanto o homem não apenas vive ele existe, está no mundo, faz parte do mundo. É um ser histórico, e com dificuldades ou não ele persiste, insiste e segue em diante. É um indivíduo que dele não se deve ter dó muito menos pena porque este tipo de sentimento ele não necessita, pois não é um coitado, nem aleijado. Apenas o que ele precisa é conhecimento escolarizado porque conhecimento de mundo o mesmo tem muito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das adversidades encontradas pelos entrevistados em suas rotinas do dia a dia, eles encontraram caminhos alternativos. Baseiam-se nas experiências da vida, acumulada e interpretada sob diversas formas.

São pessoas simples e, ao mesmo tempo ricas de vivências: indivíduos que na maioria das vezes passam despercebidos pela sociedade ou mesmo ignorados.

Os entrevistados são dotados de qualidades dentre das quais fazem parte: a gentileza, honestidade, franqueza pautada nas tradições familiares nas experiências de vida e de trabalho, de um conhecimento acumulado por essas relações.

Os Josés e as Marias, analfabetos sim porque trabalhadores sim e não se repetem em suas histórias. Eles desafiam-se em mundo letrado, movimentam-se com dificuldades quando se deparam com a necessidade da leitura e da escrita, mas não cessam de se constituírem sujeitos. São pessoas que se pautam nos valores herdados e nos princípios elaborados no conjunto das vivências de muitos conflitos. Mesmo que a falta de leitura se mostre como uma trave em suas vidas, os entrevistados continuam vivendo, cumprindo com suas responsabilidades e obrigações, pois são pessoas do mundo do trabalho.

Mas há uma inevitabilidade do conhecimento de mundo unido com experiência, eles seguem com força: a força do sujeito do mundo do trabalho. Suas vidas não cessam das lutas e suas lutas não cessam do direito à vida.

É necessário, que nós como formadores façamos uma análise mais detalhada da situação de cada sujeito para que possamos criar estratégias de ensino que realmente venham ao encontro de suas expectativas, fazendo com que eles acreditem que são capazes de muito mais do que já são.

**ILLITERACY:
the abstain citizenship**

ABSTRACT²

² Resumo traduzido por Antônio Cesar Gomes da Silva, graduado em Licenciatura em Letras pela UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, professor na Escola Municipal Belo Ramo e Escola Estadual Ênio Pepino.

This survey was conducted with residents of two neighborhoods located in the municipality of Sinop, Mato Grosso. The research data were collected through semi-structured interviews. The theory used for this article was Paulo Freire. Individuals who participated were illiterate persons who do not use the reading, their lives are hampered by lack of knowledge. Despite the adversities encountered by respondents in their routines, they find ways to overcome obstacles, even without mastering reading and writing. They challenge in the literate world, moving their lives with difficulty, without stopping to constitute as subjects.

Keywords: Illiterate. Individual. Interview.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. "José". In: **Antologia Poética**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, 2.1, 2005,.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura da palavra Leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1921.

PINTO, Alvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Autores Associados, 1982.

Correspondência:

Evanilda Ribeiro Nunes. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: evanildarnunes@gmail.com

Recebido em: 30 de março de 2016.

Aprovado em: 16 de maio de 2016.